

Sociedade em luto: Morte e luto, aspectos da Teologia Cristã

*Bruno Reis Ferreira*¹

Resumo: A questão da morte, um assunto ao mesmo tempo apavorante e intrigante, sempre foi um tema que ocupou lugar na mente de inúmeros pensadores ao longo dos séculos, poderíamos citar nomes ilustres como Platão que entendia a filosofia como um ensaio preparatório para a morte, Arthur Schopenhauer que afirmava que “Sem a morte, seria muito difícil filosofar”, Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger dentre outros, que ocuparam-se em discorrer sobre essa grande preocupação humana haja vista que todos estamos destinados a um dia alcançar esse estágio metafísico. Em consonância a isto, a Teologia também busca refletir nesse sentido. Mais do que nunca, vivemos um período catastrófico para as famílias brasileiras e famílias pelo mundo afora que têm tido a amarga experiência do luto pela perda de seus entes, em decorrência da pandemia em escala global do novo coronavírus, o covid-19. Que lições podemos extrair do luto segundo a Teologia Cristã? O que Jesus em sua doutrina nos ensina a respeito dessa temática? A metodologia deste trabalho está baseada em revisão bibliográfica de textos de autores da Teologia Sistemática bem como pautado em hermenêutica da Bíblia² Sagrada tendo como foco a reflexão rumo a uma teologia com fundamentos cristológicos.

Palavras-chave: Pandemia; Humanidade; Cristologia; Morte; Luto; Vida

Abstract: The issue of death, a subject that is both terrifying and intriguing at the same time, has always been a topic that has occupied a place in the minds of countless thinkers over the centuries, we could mention illustrious names such as Plato who understood philosophy as a preparatory essay for death, Epicurus who considered death to be nothing, like a chimera or utopia, Arthur Schopenhauer who stated that “Without death, it would be very difficult to philosophize”, Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger among others, who dedicated quite a time discoursing this great human concern since we are all destined to one day reach this metaphysical stage. In line with this, theology also seeks to reflect on this matter. More than ever, we are living in a catastrophic time for Brazilian families and for families around the world who have had the bitter experience of mourning the loss of their loved ones, due to the pandemic of the new coronavirus Covid-19, that has reached global scale. What lessons can we learn from mourning according to Christian theology? What does Jesus teach us about this topic? This work methodology is based on a bibliographic review of texts by authors of Systematic Theology as well as based on the hermeneutics of the Holy Bible with a focus on reflection towards a theology with Christological foundations.

Keywords: Pandemic; Death; Mourning; Life; Humanity; Christology

1 Mestrando na área de Teologia Sistemática, com ênfase em Cristologia, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Possui Bacharelado em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas. Graduando em Direito pela Universidade São Judas Tadeu/SP. Exerce ministério pastoral no setor eclesial de Indianópolis, zona sul da cidade de São Paulo/SP. Atua como palestrante convidado em congressos cristãos pelo Brasil. Autor dos livros de vida cristã: “Onde Estão as Bênçãos de Deus” e “Deserto, a Escola dos Vencedores” pela Editora Autor da Fé. E-mail: brunoreiscontatos@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Próximo a Jerusalém cerca de três quilômetros, a leste do monte das Oliveiras, na estrada entre Jerusalém e Jericó estava localizada a aldeia chamada Betânia. Lugar onde Jesus ocasionalmente visitava pois, conforme o relato do capítulo onze do evangelho de João², ali moravam Lázaro, Marta e Maria³, que se tornaram amigos particulares do Mestre Nazareno. Seu nome moderno, em árabe, é “*el-Azariyeh*”, uma forma do nome “Lázaro”, e sua população atual é de menos de mil habitantes. A atual vila chamada “lugar de Lázaro”, tem sido marcada como o sítio do túmulo de Lázaro desde 300 d.C, onde em 380 d.C foi erguido um templo.

Sem dúvida a grande amizade que surge entre Jesus e a família de Lázaro nos revela que nosso Senhor, enquanto homem, tinha também a necessidade de se relacionar com as pessoas, de conversar, de cuidar e ser cuidado por seus amigos. Porém, como é natural com os seres vivos, enfermidades podem surgir inesperadamente e se agravar levando, alguém que em um momento estava saudável, passar a estar no leito da agonia. E quando isso acontece com o amigo de Jesus, suas irmãs trataram de mandar avisar o Mestre, na esperança de que Ele curasse seu amigo e o livrasse do pior, a morte. O Nazareno demora para atender ao chamado e quando finalmente retorna à Betânia o luto estava instalado na casa de seus amigos, o que o Messias Amoroso e Benigno não poderia ignorar, pois Ele mesmo se comove ao ver a tristeza e o pranto estampados na face de Marta e Maria. É nesse cenário que a Bíblia descreve um momento ímpar em que Jesus chora perante a tumba onde seu amigo Lázaro estava sepultado.

Diante desse quadro é possível refletir sobre o fato de que o estado de luto advindo em consequência da morte física é uma constante na vida de todo ser humano, uma vez que todos estamos sujeitos a perder amigos e entes queridos, bem como pensarmos sobre como os ensinamentos de Cristo podem contribuir para nossa convivência com esse fato inevitável.

Olhemos ainda com muito respeito e altruísmo para o momento hodierno em que o mundo inteiro sofre abalado por uma doença inesperada e ainda, a certo ponto, desconhecida mesmo para a medicina moderna. A pandemia de Coronavírus que se tem alastrado pelo globo terrestre desde o início de 2020 e que ainda não tem previsão exata para ser controlada, fato este, que tem gerado pavor e sofrimento nas famílias pela consequente perda de seus entes queridos.

2 Na citação bíblica contida nesse artigo científico são da Bíblia de Jerusalém: nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2016. (salvo indicação em contrário).

3 Na caracterização das duas irmãs, Marta e Maria, nota-se um desenvolvimento. Segundo o v. 1, elas vêm do mesmo povoado. Segundo o v. 2, são irmãs de Lázaro. O crescimento da tradição é ainda visível aqui. O comentário do narrador, no v. 2, explicando que Maria é a mesma que untou Jesus com perfume, antecipa Jo 12,1-8 e pressupõe leitoras e leitores que têm uma visão do todo. Quanto ao conteúdo, por esta referência a ressuscitação de Lázaro é ligada à morte iminente de Jesus. Nisso pode-se suspeitar da mão do evangelista. (BEUTLER, 2015, p. 276)

1 MORTE E LUTO ENFRENTADOS POR JESUS

O próprio Cristo, na condição de ser humano⁴, teve de enfrentar a dor da perda de um amigo, ainda que Ele soubesse que Lázaro não permaneceria morto, pois como já havia dito aquela enfermidade não era para morte, mas para a glorificação do Pai, conforme indica com clareza Beutler: “Esta não levará à morte, mas servirá à glorificação de Deus. Assim, toca-se num tema central do Quarto Evangelho. A “glorificação de Deus” realiza-se na “glorificação” do Filho de Deus” (BEUTLER, 2015, p. 276). Entretanto, as consequências normais para as pessoas é sentir falta de quem se amava e foi levado pela morte. O fato é que ainda que por pouco tempo Lázaro de fato esteve morto, como descreve Champlin:

Embora Lázaro ocupe este pequeno espaço na narrativa bíblica, ocupava um grande lugar na vida de Jesus, sendo muito provável que Jesus frequentasse a casa de Lázaro em muitas ocasiões (ver o texto de Mt 21,17). A despeito dessa intimidade de laços de amizade, Lázaro não estava isento dos sofrimentos que geralmente afligem a humanidade, incluindo aflições graves, que finalmente levaram-no à morte. (CHAMPLIN, 2014, v 2, p. 598)

Esse pode ter sido o episódio envolvendo luto que mais afetou o Jesus homem, mas certamente não foi o único momento em que Ele teve de estar frente a frente com esse dilema dos humanos e isso porque o Nazareno se preocupava com os problemas peculiares à saúde e à vida das pessoas pois “nos quatro evangelhos se podem ler, pelo menos 82 relatos ou referências a ações prodigiosas de Jesus que têm uma relação direta com a saúde ou com o cuidado pela vida”. (CASTILLO, 2015, p. 302)

Relatos de Ressurreições com o da filha de Jairo (Mc 5,41) e do filho da viúva de Naim (Lc 7,14), por exemplo, nos demonstram o quanto Jesus Cristo se importava com a triste experiência⁵ de sofrimento das famílias enlutadas, de tal maneira que Ele se sente comovido de compaixão ao ver a situação e se posiciona a fim de operar um milagre extraordinário em benefício das vidas que sofriam pela morte de seus entes chegados. Essa bela atitude piedosa é percebida quando Jesus vê a viúva, em Lucas a motivação para a ação compassiva é esse ato de ver, como diz (PERONDI, 2014, p. 171): “Há um dado interessante: quando o verbo aparece

4 Se estamos efetivamente convencidos de que Deus se dá a conhecer a nós em Jesus e que, portanto, Jesus é o revelador de Deus, uma missão que não apenas desempenhou em sua vida mortal, mas que, segundo a teologia do quarto evangelho, continua realizando no momento presentes, a conclusão lógica que se pode tirar disso é que, na humanidade de Jesus conhecemos a humanidade de Deus. (CASTILLO, 2015, p. 293)

5 Ricoeur expôs de maneira sucinta, durante uma entrevista na Primeira Conferência Internacional sobre Bioética e Bio-Lei publicada no jornal finlandês Weekendavisen a sua íntima experiência com a morte ao vivenciar o suicídio de seu filho, ocasião que o incentivou a refletir sobre o assunto e a tomar a questão “haverá uma vida após a morte?” como uma missão pessoal. Entretanto, o filósofo desenvolveu melhor suas considerações sobre o tema no livro *Vivo até a Morte*, seguido de *Fragmentos*. Nessa obra enfatiza-se três fatores básicos que explicam a ideia do sentimento interiorizado, a antecipação da angústia, a sensação responsável por concenir e originar o medo da morte. (XAVIER, 2019, p. 203)

ele é precedido do verbo 'ver'. Portanto, é ao ver a situação de dor e sofrimento que a pessoa ou o próprio Deus são movidos de compaixão.

Tal comportamento de Cristo Jesus se dá não com o intuito de derrotar a medicina, nem de exibir como um mago dotado de poderes sobrenaturais, nem tampouco de provar ser o Messias enviado do Pai, para quem quer que seja, Ele o fazia por amor e por compreender as necessidades das pessoas sendo Ele também humano. Em consonância a isso afirma Castillo:

Não se trata, portanto, nem de ações que superam a lei da medicina, nem de prodígios de tipo mágico. Trata-se de algo muito mais simples e mais próximo: **Jesus foi tão profundamente humano** que se pôs do lado da vida e deu vida, vencendo as forças da morte. (CASTILLO, 2015, p. 309, grifo nosso)

2 PANDEMIA, MORTE, LUTO: REALIDADE PRESENTE

As Sagradas Escrituras versam a respeito da condição mortal do ser humano desde seus primórdios, haja vista que a morte adentra à humanidade com a desobediência e queda de Adão e Eva: Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás. (Gn 2,17). Desta forma tanto o Antigo Testamento quanto o Novo Testamento nos revelam a realidade da ocorrência da morte que dá fim físico à vida humana.

A expressão "māwet" morte aparece 150 vezes no Antigo Testamento, aparecendo sempre como antônimo de "hayyîm" vida. No Antigo Testamento um dos livros que mais tratam desse assunto é o livro poético do patriarca Jó, que vivenciou de perto a perda repentina de seus 10 filhos, sem contar que o próprio personagem esteve também muito próximo de deixar o mundo dos vivos, tamanho foi seu sofrimento. Deve-se atentar ainda para a possibilidade bíblica de morte em decorrência de pestes e pragas:

Associado com o significado de "morte" está o significado de "morte por pestilência". Numa cidade sitiada com condições anti-higiênicas, a pestilência rapidamente reduziria a população debilitada. Jeremias alude morte como julgamento de Deus sobre o Egito (Jr 43.11); note que aqui "morte" se refere a "morte por fome e pestilência". Lamentações descreve situação de Jerusalém antes da queda: "Fora, me desfilhou a espada, dentro de mim está a morte" (Lm 1.20; cf. também Jr 21.8,9). (VINE, 2006, p. 187)

Seja por um juízo divino ou seja por causas naturais, esta não é a discussão aqui proposta, mas a questão a ser frisada é que de fato vivenciamos dias de uma doença em escala global, a pandemia do vírus Covid-19 que tem assolado as nações causando mortes e trazendo luto à família em todos os continentes do mundo. Há mais de um ano a sociedade mundial tem convivido com notícias de óbitos em quantidades exorbitantes diariamente na

medida em que o vírus se espalha em meio as poluições de cada cidade, estado e país. E ainda mais dramático se torna o luto para aqueles que mal puderam chorar a morte de seus entes em decorrência da possibilidade de também se contagiarem e seguirem pelo mesmo destino doloroso.

Dados estatísticos nos mostram, segundo o levantamento realizado pelo consórcio de veículos de imprensa⁶ formado por O Globo, Extra, G1, Folha de S. Paulo, UOL e O Estado de S. Paulo, cujas informações são coletadas diretamente com as secretarias estaduais de saúde por meio de três boletins diários, e ainda pelos dados do governo federal⁷, que o Brasil já alcançou em meados deste mês de março de 2021, momento em que esta pesquisa está sendo realizada, a marca de 11,7 milhões de infectados e mais de 285 mil mortes por Covid-19, assumindo segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) a lideranças de óbitos por covid-19 entre os países do mundo. Assim, seguramente podemos afirmar que enfrentamos uma calamidade nunca experimentada e que o luto se torna cada dia mais real nos lares de nossa sociedade, o que é triste e doloroso de se aceitar uma vez que, em certo sentido, não fomos feitos para morrer⁸ como declara Costa:

Não fomos feitos para a morte e, mesmo que tentemos, não iremos nos acostumar com sua presença. Isso se dá porque, a bem da verdade, o ser humano não foi projetado para morrer. Se tomarmos lembrança dos atos da criação, não encontraremos o desfecho: “então, Deus criou a morte”. A morte é o salário do pecado e nossa aversão a ela é uma seta que aponta para a Vida. (COSTA, 2020, p. 83, grifo do autor)

3 O LUTO E A ESPERANÇA CRISTÃ

Sendo, portanto, sabedores de que nos tornamos mortais desde Adão, e ainda que não nos acostumemos por completo com a ideia de morrermos, deixando essa vida natural e física, devemos atentar para o que Jesus nos ensina a respeito desta verdade, e com isso tomar consolo nosso homem interior e para nossa família.

No Novo Testamento encontramos Jesus ensinando a respeito desta realidade da morte e do luto por assim dizer. Ao retornarmos à narrativa do episódio da morte de Lázaro, amigo de Jesus, encontramos o Mestre procurando consolar Marta diante de seu luto e

6 <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2021/03/17/brasil-registra-media-movel-acima-de-2-mil-mortes-diarias-por-covid-pela-1a-vez-total-passa-de-285-mil.ghml>. Acesso: 17 mar. 2021.

7 <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso: 17 mar. 2021.

8 mût: “morrer, matar”. Este verbo ocorre em todos os idiomas semíticos (incluindo o aramaico bíblico) desde os tempos mais primitivos, e no egípcio. O verbo ocorre por volta de 850 vezes no hebraico bíblico e em todos os períodos. Essencialmente, mût significa “perder a vida”. A palavra é usada para aludir à “morte física”, com referência a homens e animais. Gênesis 5,5 registra que Adão viveu “novecentos e trinta anos; e morreu”. Jacó explica a Esaú que, se o rebanho fosse tocado com muita rapidez, os mais novos entre eles “morreriam” (Gn 33,13). Em certo ponto, este verbo também é usado para se referir ao tronco de uma planta (Jó 14,8). (VINE, 2006, p. 186)

inconformidade com a situação. Jesus declara a Marta que seu irmão haveria de ressurgir (Jo 11,23), “essa forma de declaração: (“Teu irmão há de ressurgir.”) tornara-se comum na Palestina, como fórmula usual para aqueles que haviam enlutado” (CHAMPLIN, 2014, v 2, p. 606). Assim Marta, em tom de desapontamento, já que por quatro dias já havia ouvido muitas palavras de consolo e de Jesus ela esperava muito mais do que apenas uma expressão de consolo, nesse ponto ela responde que sabia que ele haveria de ressurgir na ressurreição, no chamado último dia. Aqui já encontramos o conhecimento de que haverá uma ressurreição escatológica⁹, e isto se confirma quando em seguida Jesus manifesta-se: “[...] Eu sou a ressurreição¹⁰ e a vida; quem crê em mim, **ainda que morra, viverá;**” (Jo 11,25. Grifo nosso).

Desta forma, o legado que recebemos de Cristo e por Ele somos ensinados é de que há uma vida espiritual aguardando aqueles que encerram a trajetória da vida física e terrena., em outras palavras, a vida não termina quando a morte chega, inicia-se uma nova etapa numa nova dimensão que nós humanos ainda não conhecemos, mas a experimentaremos. Como comenta Champlin acerca do escrito paulino, o texto de 1 Coríntios 15:

O ensino contido neste capítulo 15 parece indicar que, de alguma maneira, ultrapassa em muito a nossa compreensão e a nossa ressurreição também envolverá os antigos elementos do corpo morto, recolhidos, transformados e espiritualizados. O corpo ressurrecto será incorruptível, glorioso, poderoso, espiritual, e será até mesmo conformado segundo a natureza celestial de Jesus Cristo, o que nos permitirá participar de sua própria natureza, e até mesmo de sua divindade, que ele possui na qualidade de Deus-homem. (CHAMPLIN, 2014, v 4, p. 319)

A esperança cristã consiste em acreditar na existência de uma vida após a morte, que assim como o próprio Jesus Cristo morreu e ressuscitou¹¹ em um corpo incorruptível, nós

9 A palavra “escatologia” vem do termo grego *ta eschata* (“as últimas coisas”) e diz respeito a questões como as expectativas cristãs quanto à ressurreição e ao juízo final... A “escatologia” trata de uma série de crenças relacionadas ao fim da vida e da história, quer seja a nível individual quer em termos do mundo inteiro. (MCGRATH, 2005, p. 623)

10 A crença na ressurreição, de uma forma ou de outra, não se confina à herança judeu-cristã. Uma noção vaga de ressurreição existia entre os mais primitivos povos animistas; e o costume de sepultar utensílios, alimentos e outros itens de interesse, com os mortos, em algumas culturas, provavelmente refletia a crença na ressurreição. Nessa categoria se poderia incluir a maneira elaborada como os egípcios embalsamavam seus mortos. Contudo, muitas culturas primitivas, apesar de serem no pós-vida, não distinguiam claramente entre o corpo e o espírito; e por essa razão os ensinamentos sobre a sobrevivência da natureza, não podem ser facilmente acompanhados através da história. (CHAMPLIN, 2014, v 4, p. 318)

11 A comunidade cristã de Jerusalém afirmou a convicção fundamental que, como crentes, tiveram desde seus primeiros dias como pessoas que creram: “Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos” (cf. At 10,9). De Jesus, portanto, guardamos não apenas a mera recordação. Além da memória, (mediante a fé) temos sua presença, sua atualidade, sua vida que transcende a história. Essa convicção é tão fundamental para os que creem, que o Apóstolo Paulo chegou a dizer sem hesitação: “Se Cristo não ressuscitou, então nossa pregação é vã e vossa fé igualmente” (1Cor 15,14). Ademais, o próprio Paulo afirma na mesma linha: “Se a esperança que temos em Cristo é só para esta vida, somos os mais desgraçados dos homens” (1Cor 15,19). A questão, portanto, é clara: a ressurreição de Jesus é inteiramente central para aqueles que cremos nele. Mais ainda, trata-se da questão do ser ou não ser dos cristãos. (CASTILLO, 2015, p. 488)

também que formos justos e fiéis aos seus ensinamentos, ressuscitaremos para vivenciar a eternidade. E isto nos concede forças para encarar o luto confiando que um dia reencontraremos também nossos entes queridos: “e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro [...] e assim estaremos sempre com o Senhor. [...] Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras.” (1Ts 4,16-18).

O autor inglês Jeremy Taylor (1609 - 1667) é tido por muitos como um dos mais refinados escritores na área de espiritualidade do século XVII. McGrath demonstra que Taylor acredita que os cristãos possam lidar com o medo da morte por meio de uma contemplação da esperança naquilo que se encontra além da morte, conforme diz Taylor em sua famosa Obra *Holy Living and Holy dying* (Vida Santa e Morte Santa):

Se tu desejas não temer a morte debes procurar apaixonar-se pelas observações de felicidade feitas pelos santos e anjos e ser, de uma vez por todas, convencido a acreditar que existe uma forma de viver muito melhor do que esta que conheces; que existem criaturas mais nobres do que nós; que lá em cima existe uma pátria melhor do que a nossa, cujos habitantes têm mais conhecimento e mais sabedoria e habitam em locais de descanso e prazer. E assim, debes primeiro aprender a valorizar tais coisas para, depois, aprender a conquistá-las, em que a morte não poderia ser algo tão formidável, se não fosse capaz de nos proporcionar tanta alegria e tamanha felicidade. [...] Pois, para nós cristãos, “Aqueles que morrem no Senhor” encontrar-se-ão com Paulo, bem como com todos os apóstolos, todos os santos e mártires, com todos os homens de boa vontade cuja memória preservamos com honra, com os excepcionais soberanos e santos bispos, como também com o grande Pastor e Bispo de nossas almas, Jesus Cristo, e ainda com o próprio Deus. (MCGRATH, 2005, p. 631)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte é uma realidade inevitável para todos os seres humanos: “Se estes morrerem como morrem todos os homens e se forem visitados como se visitam todos os homens [...]” (Nm 16,29). Porém enquanto esse momento não chegar até nós devemos viver a ajudar outros a viverem, desfrutar deste benefício concedido pelo Criador, fazer o possível para melhorar as condições de vida dos que estão a nossa volta, pois isso é o que Jesus fazia enquanto homem vivendo entre os homens.

Jesus veio ao mundo na condição de homem, sendo Deus encarnado em figura humana, e nesta esfera Ele esteve sujeito as mesmas limitações que nós estamos sujeitos, com sentimentos, com preocupações, com angústias, com emoções peculiares dos seres humanos, e isso nos leva a crer que Ele compreendia e compreende o luto de uma pessoa ou família que perde alguém a quem ama. O mestre meigo e amoroso não ficaria indiferente ao sofrimento

do seu próximo, mas se prontificaria para ajudar e consolar a quem necessitasse. “[...] Chorai com os que choram” (Rm 12,15) é uma instrução bíblica para os discípulos de Cristo que vivem em sociedade, e como Ele agiria devemos agir.

Verdade é que não se deve ignorar o desejar viver bem a vida terrena, mas é preciso ter a consciência de que esta vida mortal é curta e passageira, é preciso viver esta vida olhando para a eternidade sabendo que a qualquer momento podemos ser chamados para uma vida melhor espiritual e eterna: “levado a termo na palavra “eu sou” de Jesus [...], na qual ele se autodesigna como “a ressurreição e a vida”, prometendo a imortalidade a todo o que nele crer. (BEUTLER, 2015, p. 280)

REFERÊNCIAS

- BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João: comentário / Johannes Beutler*. Tradução Johan Konings. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- BÍBLIA de Jerusalém: nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2016.
- CASTILLO, José M. *Jesus: a humanização de Deus: ensaio de cristologia*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, vol. 2, Lucas/ João, 2014.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, vol. 4, 1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, 2014.
- COSTA, Leonardo Dantas. *Reflexões em Tempo de Pandemia: um ensaio sobre nós, Deus e a esperança durante a crise do novo coronavírus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.
- MCGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã*. Tradução Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.
- PERONDI, Ildo. *Presenças do verbo mover-se de compaixão (σπλαγχνίζομαι) nos evangelhos sinóticos*. Atualidade Teológica: Rio de Janeiro, vol.46, jan./abr. 2014.
- PFEIFFER, Charles, F.; VOS, Howard F.; REA, John. *Dicionário Bíblico Wycliffe*. Tradução de Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- XAVIER, Donizete José (org.). *Paul Ricoeur. De A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes*. São Paulo: Distribuidora Loyola, 2019.